

SWEENEY, Marvin A. The End of Eschatology in Daniel? Theological and Socio-Political Ramifications of the Changing Contexts of Interpretation. *Biblical Interpretation*, Leiden, Brill, v. 9, n. 2, p. 123-140, January 2001.

VAN DEVENTER, H. J. M. Struktuur en boodskap(pe) in die boek Daniël. *Hervormde Teologiese Studies*, Pretoria, South Africa, University of Pretoria, v. 59, n. 1, p. 191-223, 2003.

VAN DER WOUDE, Adam Simon (Ed.). *The Book of Daniel in the Light of New Findings*. Leuven: Leuven University Press, 1993.

WILLS, L.M. *The Jewish Novel in the Ancient World*. Ithaca: Cornell University Press, 1995.

Dionisio Oliveira Soares
409 Prospect St, New Haven – CT (06511)
E-mail: dionisio.soares@yale.edu

BEBÊS ESMAGADOS CONTRA AS PEDRAS **Santidade intolerante no imaginário do expatriado (Sl 137)**

Lília Dias Marianno

Introduzindo

O salmo 137 é, sem dúvida, o salmo que mais nos espanta em toda a Bíblia Hebraica. Ele consegue transformar um canto de lamento e profunda saudade da terra natal em intenção de homicídio declarada, despudorada e carregada de violência, das mais brutais que se pode imaginar. Como a saudade de casa pôde se tornar uma oração assassina de tal porte, talvez o texto mais violento do Primeiro Testamento?

Exílio em Babilônia teve significados diferentes para cada um dos grupos de judaítas afetados. Para os cerca de 80% dos judaítas remanescentes no próprio território que, desde a destruição de Samaria, se misturava com seus irmãos do Norte, o exílio acabou sendo uma volta¹ ao modelo tribal: sem Jerusalém, sem o templo, sem rei e sem sacerdotes. Nabucodonosor redistribuíra esses judaítas pelo território para cultivar a terra, nada diferente daquilo que eles mesmos já faziam no dia a dia do campo (2Rs 24,14 e 25,12). Não havia noção de separação entre israelitas e judaítas, muito menos por motivos étnicos. Não nesta época, não por este motivo. Tratava-se de povos irmãos.

Mas a situação dos judaítas deportados era bastante diferente. Eles não apenas estavam expatriados, como passaram a trabalhar com o cultivo das terras. De acordo com as listagens de 2Rs 24 e 25, os deportados eram elite sacerdotal, militar, palaciana, administrativa e artística. Não era exatamente um grupo de pessoas acostumadas a “pegar no pesado”. Qualquer trabalho imposto a este grupo, diferente dos privilégios com os quais estavam acostumados, era visto como “escravidão”, embora a qualidade de vida dos deportados na Babilônia fosse muito superior à qualidade de vida do proto-Israel no Egito, cerca de mil anos antes.

Para compreender tanta intolerância e violência, precisamos entrar na mente do autor do salmo e do grupo que ele representa. Devemos nos aproximar de seu imaginário, o máximo que o abismo temporal que nos distancia do evento nos permitir chegar. Devemos tentar visualizar o cenário onde ele residia, no que ele trabalhava, que cenas ele testemunhava, enfim, se colocar no lugar deste personagem, experimentar uma ponta dos seus sentimentos para descobrir o motivo deste cruel desabafo.

1. Usamos o termo volta ao tribalismo tendo como base a perspectiva sincrônica de leitura do texto bíblico que nos causa a impressão de término do tribalismo durante o período monárquico. Numa perspectiva diacrônica se consegue notar que o tribalismo coexistiu todo o tempo no território de Israel, inclusive no período monárquico e, sobretudo, no pós-exílio. Sobre isso ver SCHWANTES, Milton. Elementos de um projeto econômico e político do messianismo de Judá – Gênesis 49,8-12 – Uma antiga voz judaíta interpretada no contexto da História da Ascensão de Davi ao Poder (1Sm 16 até 2Sm 5), Em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 48, 2004, p. 25-33.

Quando o brado é fruto de um protesto

A política de Nabucodonosor era dismantelar os países dominados, removendo suas lideranças de seus territórios originais e colocando-as a serviço da coroa na capital do império. Era uma forma de subjugação que tinha o efeito de bomba moral. Babilônia sempre fora uma das mais importantes civilizações da Antiguidade. Seu desenvolvimento oferecia, aos cativos, condições de vida semelhantes ou superiores às da nobreza em Jerusalém e a mistura de povos estrangeiros na capital era enorme.

Os sacerdotes judaítas deportados deixaram de ser elite e passaram a ser serviçais da coroa, estivessem eles nas plantações ou pomares dos jardins de zigurates, palácios e pagodes (cuja tecnologia de jardins suspensos ficou famosa na Antiguidade pela sua arquitetura e ousadia paisagística)². Os judaítas deportados foram obrigados a conviver com os representantes de outros povos, que também estavam deportados ali, com muito mais proximidade do que gostariam.

Uma geração inteira que se autodenominava “deportada” era, na verdade, babilônica de naturalidade. É uma anacronia pesada pensarmos que os deportados que voltaram posteriormente para Judá foram os mesmos levados por Nabucodonosor em 587 e 597 aEC. Este foi um típico caso da “volta dos que não foram”. Os que vieram para Judá nas levas de 465–425 aEC, período de Esdras e Neemias, eram os naturais de Babilônia, segunda e terceira geração de deportados, que se referiam a Jerusalém como “a cidade dos nossos antepassados” (Ne 1–3) e não os nascidos nela.

Seguindo as pistas que nos deixa o autor do Sl 137, vemos neste salmo a representação de um determinado grupo de deportados. O autor destas palavras é alguém que sente saudade de Sião. Então não é alguém dos tempos de Esdras e Neemias, já que estes nunca residiram em Sião, mas provavelmente era alguém das primeiras duas levas de deportados, quero suspeitar que seja alguém do grupo dos extraditados em 597 aEC, na primeira deportação.

Na análise hermenêutica que veremos a seguir, encontraremos no texto alguns elementos que nos ajudam a sustentar esta suspeita. Usaremos aqui a tradução da Bíblia Vozes.

Junto aos rios da Babilônia, sentamo-nos a chorar, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros da vizinhança penduramos nossas harpas.

A cidade de Babilônia era muito irrigada. Na região nasciam os dois rios com enorme volume de água da região mesopotâmica: o Tigre e o Eufrates, e seus afluentes cortavam a cidade. Algumas reconstruções gráficas de Babilônia realizadas a partir de

2. O livro de Daniel, embora se reporte a um personagem ambíguo quanto ao tempo de Babilônia, e tenha sido escrito no período grego, nos traz uma memória interessante do que teria sido a espécie de trabalho serviçal que as elites deportadas eram obrigadas a prestar em Babilônia. Ver Daniel e seus amigos no palácio servindo ao rei não é muito diferente de visualizar Esdras ou Neemias, como copeiro do rei, mas alguém com capacidade intelectual para ser posto no governo da província de Judá na volta dos deportados. Os serviçais do imperador não eram simplórios; eram a “nata” das sociedades deportadas.

projeções embasadas nos descobrimentos arqueológicos mais recentes nos mostram uma urbanização evoluída, muito bem edificada, com construções arrojadas e canais em grande número por toda a cidade. Uma Veneza do mundo antigo, porém mais ampla, com largas avenidas de água, muitas pontes e embarcações pequenas trafegando por estes canais. As construções que mais se destacavam eram as dos antigos zigurates e pagodes, prédios grandiosos com vários pavimentos e terraços repletos de jardins, cujas plantas buscavam o frescor das águas nos canais que ficavam ao lado destas construções³.

O salgueiro é o tipo de folhagem que cresce mais rápido do que sua estrutura de tronco que o suporta, por isso ele tomba, feito uma samambaia chorona. Curva-se em direção às águas. Nestes salgueiros o salmista e seu grupo penduravam suas harpas. Mas quem seriam as pessoas que tocavam harpa entre os deportados? O único grupo que tinha por ofício a composição de músicas era o segmento dos sacerdotes e levitas, instituídos como cantores do templo desde os dias de Salomão. Era essa gente que possuía harpas, que compunha canções para Yahweh, que chamava Jerusalém de Sião. Era essa gente que tinha saudades de Jerusalém a ponto de entrar em depressão e choro, pois era lá onde se poderia desenvolver seu ofício litúrgico sem restrições, sem mistura com tanta gente diferente. Sem manias diferentes e se manter numa posição de elevado status social.

Pois ali nossos deportados nos pediram cânticos e nossos opressores, alegria: “Cantai para nós algum cântico de Sião”. Como entoar um cântico do Senhor em terra estrangeira?

Veja que este grupo alude às canções de Sião como sendo as canções do Senhor, ou seja, as canções de Sião não eram canções típicas de Judá apenas, eram canções religiosas, carregadas de conteúdo teológico, de exaltação a Yahweh. Não se deve duvidar que os Babilônios provocavam os judeus para ouvirem algum dos muitos salmos que se cantavam nas liturgias do templo de Jerusalém.

Há aqui um fator adicional. Cantar um cântico do Senhor em terra estrangeira seria uma profanação do cântico sagrado. Na concepção deste grupo, Yahweh morava no seu templo, no monte Sião, em Jerusalém. Desde que o primeiro grupo fora deportado em 597 aEC e este grupo fora levado cativo para Babilônia, enquanto uma parte ficou em Jerusalém, Yahweh ficou no templo e eles foram subtraídos de sua presença.

A cultura religiosa dos povos da Antiguidade vinculava a divindade com um espaço geográfico. O monte Sião era monte de Yahweh, ele não iria sair de seu lugar migrando para cá – Babilônia. Não é a toa que este grupo se sente oprimido e afrontado

3. Para compreender a dinâmica socioeconômica representada nos jardins, veja PEREIRA, Nancy Cardoso. Jardim e poder: Império persa e ideologia. Em: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor (orgs.). *Hermenêuticas Bíblicas*. Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo/Goiânia: Oikos/UCG/ABIB. 2006, p. 121-128.

com a proposta e chame os babilônios de opressores. O pedido de cânticos e alegria era ofensivo para este grupo específico. Era o grupo que fora deportado junto com o rei de Judá, e de alguma forma, armazenava esperanças de voltar. Era o grupo para o qual Jeremias escrevera sua carta (Jr 29), recomendando que eles esquecessem a possibilidade de voltar tão rápido.

Suspeitamos que este salmo tenha origem no período entre as duas deportações principais para Babilônia 597 e 587 aEC. Trata-se de um grupo que olhava Babilônia com aversão, que se apegava à lembrança de uma Jerusalém que detinha certa glória e não uma Jerusalém devastada. É o grupo das pessoas que se sentem ultrajadas e humilhadas com a deportação. Babilônios são inimigos.

Para as gerações seguintes, babilônios passaram a ser conterrâneos e amigos de vizinhança. A cidade era bem desenvolvida, esta geração não a via como um lugar odioso, mas como um lugar bom de se morar, de se prosperar e de enriquecer. Para as gerações posteriores Babilônia era um lugar tão bom que os judaítas demoram de 538 aEC (Edito de Ciro) até 515 para decidir voltar e se fazer presente em Jerusalém com um número significativo de migrantes. Que grupo oprimido demora 15 anos para querer voltar quando a libertação foi concedida? A resposta é simples: um grupo que não se sente oprimido.

A geração seguinte, nascida no exílio, tinha Babilônia como sua terra natal. Ali ela progrediu, prosperou. Pesquisas arqueológicas evidenciam um envolvimento efusivo de judeus no comércio de Babilônia durante este período. Gunneweg nos diz:

“Sabemos de uma firma bancária, Murashu e Filhos, que funcionou no século V aC, em Nippur, ao sudoeste da cidade da Babilônia. Em seu arquivo comercial registrado em tábuas de argila, descobertas no século XIX, encontram-se vários nomes hebraicos. Esse é um sinal seguro da participação ativa dos judeus no comércio [...] Um dos dois grandes bancos do século VII, a Casa Egibi, deve ter estado em mãos israelitas-judaicas, porque seu fundador se chamava Jacó [...]”⁴.

A colônia judaica em Babilônia se tornou a comunidade mais importante da diáspora e perseverou com este *status* até tempos bem recentes.

Se me esquecer de ti, Jerusalém, que se paralise minha mão direita! Pegue-se minha língua ao céu da boca, se não me lembrar de ti, se não fizer de ti minha suprema alegria.

Mais uma vez fica evidente aqui o vínculo afetivo que o salmista tem com Jerusalém. Ele é alguém que sente tristeza sobrenatural por não estar mais na cidade. Mas curiosamente ele não menciona sua devastação, antes, porém, seu desejo de revê-la gloriosa, realidade que não era mais possível a partir de 587 aEC. Parece que a última cena gravada em sua mente foi a cena de uma Jerusalém de ouro, não de uma terra assolada com um templo destruído. Ninguém sente saudades da desolação.

4. GUNNEWEG, Antonius. *História de Israel: Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 211.

Este salmista é um músico, alguém que sabe tocar harpa, alguém que poderia cantar canções de Sião que ele mesmo prefere chamar de “canções do Senhor”. Esta transferência de significados de Sião para Senhor é muito típica de lideranças religiosas, com sério comprometimento teológico. Desenvolvendo nossa suspeita, acreditamos que este salmista é um levita, um ex-cantor do templo de Jerusalém que tem agora que bancar o jardineiro dos ricos da Babilônia.

Quando ele evoca para si uma língua colada ao palato, ele está evocando uma mudez, a incapacidade de falar e, sobretudo, de cantar, seu ofício principal. O “nós” (que assentamos, choramos, lembramos com saudade de Sião) é um grupo de pessoas com mesmo perfil ao qual esse salmista pertence.

Contra os filhos de Edom lembra-te, Senhor, daquele dia de Jerusalém em que diziam: “arrasai-a, arrasai-a até os fundamentos”.

A semelhança da linguagem deste salmo com a linguagem do livro de Abdias é muito interessante. É uma linguagem carregada de despeito e humilhação, porém, triunfalista. São falas de quem quer dar a volta por cima, alguém que afirma que os israelitas deportados se apossarão do território dos cananeus (Ab 20–21), alguém que sempre se refere a Jerusalém e Sião como grandezas teológicas de mesmo peso.

Esse salmista se reporta ao conteúdo de Abdias praguejando contra Edom, que caçava dos judaítas quando seguiram deportados. O salmista se lembra das palavras daqueles edomitas. A carga de rancor e a amargura nas palavras deste salmo é muito grande, muito maior do que as palavras de honra que a geração de Neemias usava para tratar os superiores babilônios.

Qual seria, de fato, o alvo da imprecação que o salmista fez nas linhas seguintes deste salmo? São os filhos da Babilônia ou os filhos de Edom? Ou ambos? Por que Edom surge de repente nesta cantoria lamurienta, quase nos pregando um susto de tão repentino?

Não quisemos aprofundar muito o estudo da composição redacional deste salmo porque interessa-nos mais o formato final que temos no cânon. Mas a dureza destas palavras num escrito canônico, quase respaldando a violência e a intolerância, nos incomoda muito. Qual a intencionalidade do redator deste salmo quando se esmerou em manter este nível de ódio nas palavras?

Na perspectiva de Garmus, a chave de leitura é o próprio oráculo contra Edom no livro de Abdias. A suspeita que se pode levantar a partir desta nova chave é que

“Nos v. 1-6 temos um cântico dos levitas exilados em Babilônia. Mas nos v. 7-9 (uma releitura?) a ira se volta não contra os edomitas, esses ‘filhos da Babilônia’ [...] que se aliaram à Babilônia, aproveitaram-se do enfraquecimento de Judá e avançaram sobre seu território com olho grande (Ez 25,12-14; 35,1-14). São edomitas que moram ‘nas fendas do rochedo’ (Ab 3) e contra o rochedo o salmista deseja que seus filhos sejam esmagados”⁵.

“Filha da Babilônia, devastadora, feliz quem te der a paga de quanto nos fizeste. Feliz de quem agarrar teus filhinhos e os esmagar contra o rochedo!”

As palavras finais deste salmo transformam todo o lamento piedoso, saudoso e choroso dos levitas em discurso intolerante, excludente, violento e mais opressivo do que as palavras dos babilônicos que pediam as canções de Sião ou dos edomitas, pois eles não se atreveram a proferir palavras tão duras.

Palavras tão carregadas de rancor só ganham lógica quando abrigadas num coração despeitado, iracundo, que se sente injustiçado, castigado sem motivo. Quando alguém, acostumado com os confortos palacianos e templários de Jerusalém, se transforma em faxineiro dos ricos da Babilônia, tendo que assistir às coisas que eles assistiam, ele consegue experimentar sentimentos tão densos como estes. Que tipo de afronta tão pesada Babilônia trazia para o imaginário do grupo personificado neste salmista?

Apenas recordando: se nossa suspeita estiver correta, o grupo representado neste salmo é, então, o grupo de deportados que saiu da Judeia na primeira deportação quando ainda não ocorrera a destruição de Jerusalém. Em grande medida, é o grupo jerusalemita que não dera ouvidos à pregação de Jeremias. O grupo que ouvia apenas a profecia que queria ouvir e não acreditava que o fim sobre Jerusalém viria. Era o grupo mais vinculado ao templo e ao sistema de vida palaciano.

Sabemos que neste início de deportação a vida colonial dos judaítas não estava tão bem delineada, mas sim, em processo de formação. Quanto mais próximo do ápice do imperialismo babilônico estivesse o grupo, mais rígido era o controle sobre ele, e mais frouxo na medida em que o próprio império declinava.

Não suporto esta cidade nojenta

Uma das maiores ofensas ao convívio dos judaítas deportados era que grande parte deles vinha do serviço sacerdotal e a religião judaica era repleta de ritos de purificação, mas em Babilônia o cenário era muito diferente e repleto daquilo que era repulso aos judaítas, principalmente os cultos a Ishtar e seus ofícios.

Ishtar era a deusa principal da Mesopotâmia. As pessoas suplicavam a Ishtar por força, virilidade, fertilidade e poder sexual. Antes e depois das batalhas, o templo se enchia de gente em banquetes orgiásticos. Os soldados iam aos templos em tropas para, através da prostituição cultural e do ato sexual, receber da divindade a força para guerrear.

A prostituição sagrada se dava no momento em que as mulheres, representando a deusa, iriam conferir poderes aos guerreiros. Toda mulher da região tinha que se dedicar a esta função pelo menos uma vez na vida para mediar a bênção de Ishtar aos homens que saíam em batalha. Ela tinha que ir ao templo de Ishtar e ali ficava até um estranho vir e lhe atirar peças de prata ao colo. Era proibido a uma mulher recusar o primeiro estranho⁶.

6. A pesquisa completa deste assunto está documentada em MARIANNO, Lília Dias. *A ameaça que vem de dentro: um estudo sobre as relações entre judaítas e estrangeiros no pós-Exílio em perspectiva de gênero*. São Bernardo do Campo, 2007 [Dissertação de Mestrado].

Em tempos de expansão militar, os templos eram lugares com alto trânsito e a promiscuidade sexual com funções sagradas era imensurável. Não por acaso, as primeiras referências à DST, especialmente sífilis e gonorreia, que se tem na História, são encontradas na mesma Babilônia do período exílico. A quantidade de erupções cutâneas e feridas na pele que estas doenças manifestavam era enorme. Sem contar que a cidade era repleta de canais e canteiros de plantas na beira destes canais, que existiam também nos terraços, o que por si só acumulava muitos mosquitos portadores de doenças.

O que os deportados, principalmente estes do primeiro grupo, viram durante a deportação foi uma variedade de doenças infecciosas e inéditas, manifestando-se em erupções cutâneas de todas as espécies, doenças até certo ponto desconhecidas para o ambiente de onde vieram, já que o território de Israel não era alagado como era Babilônia. Doenças de pele com tais aparências eram cognominadas genericamente como lepra.

Se tentarmos rastrear episódios de lepra no Primeiro Testamento, excetuando o relato sobre Miriã, atribuído ao deserto, e as leis sacerdotais, que sabemos serem pós-exílicas, só temos um único episódio de lepra: o de Naamã, narrado em 2Rs 5. Mesmo assim, se trata da doença de um estrangeiro, assírio, já no séc. IX aEC. Lepra era doença de gente estrangeira, de estrangeiros sujos, imundos, principalmente aos olhos de um grupo de levitas.

Quando ponderamos que, nos primórdios da diagnose de qualquer doença o quadro diagnóstico é sempre bastante difuso – podendo ser confundido com outros quadros – tecnicamente falando, não havia formas visuais de separar a verdadeira lepra da sífilis, da gonorreia ou das infecções provocadas por picadas de mosquitos. Tudo era uma grande tormenta de pele que trazia muito prurido e deixava os levitas exilados enojados.

Há também outro fator que normalmente deixamos de fora quando falamos em DSTs. Os bebês que nascem de mães portadoras destas doenças manifestam efeitos colaterais que tomam forma de deficiências físicas das mais variadas, principalmente a cegueira. Não por acaso, quando o cego de nascença encontrou-se com Jesus, seus discípulos perguntaram “Senhor, quem pecou, foi ele ou seus pais?” (Jo 9,1), porque no imaginário coletivo a partir da experiência em Babilônia, quando uma criança nascia cega, era sinal de que seus pais estiveram envolvidos em promiscuidade sexual ou sexualidade cúltica a deuses estrangeiros, pois os templos de Babilônia eram, praticamente, agenciadores de doenças sexualmente transmissíveis. Não por acaso idolatria começou ganhar conotações de promiscuidade sexual e em vários momentos é referida no Primeiro Testamento como adultério de Israel contra o Senhor Yahweh.

A dureza do desejo de esmagamento do crânio das crianças contra as pedras começa a ganhar algum sentido e ter algum nexos, quando passamos a considerar o nível de repulsa que deviam sentir os judaítas em relação aos babilônicos ou aos edomitas. A impressão que temos aqui é que há, de fato, uma duplicidade de alvos para estas palavras violentas. Elas tanto são dirigidas aos nojentos filhos de Babilônia, com suas pústulas e DSTs, quanto aos edomitas que moram nos rochedos.

Crianças babilônicas, frutos de atos promíscuos nos templos de Ishtar, certamente vinham carregadas de deficiências físicas, e no Oriente, até hoje, crianças com deficiência física são rejeitadas por suas famílias, como sinal de maldição. Tais atos se repetem na Índia, China, Cazaquistão e vários países da divisa do Oriente Médio com a Ásia. A noção de preservação da vida, ainda que de uma pessoa com deficiência física, não é vista com o mesmo viés cultural e de relação com o direito à vida, apregoado na declaração de direitos humanos, que os ocidentais parecem crer. Por outro lado, chocar a cabeça das crianças contra as pedras alude aos rochedos onde os edomitas habitavam, já que em Babilônia as cidades eram edificadas com tijolos⁷.

Com a palavra: os agentes da vigilância sanitária

Diante de um cenário assim, era natural que os deportados começassem a estabelecer princípios muito rígidos de higiene, casamento, circuncisão e prevenções contra lepra e quaisquer doenças que se manifestassem na pele. Era natural que o casamento com mulheres estrangeiras não fosse aprovado. Era natural que se quisesse manter uma pureza étnica garantida através da circuncisão e da genealogia. Era natural que os bebês com deficiência física ou cegos fossem, imediatamente, associados com a promiscuidade sagrada nos templos e considerados malditos.

As normas que os deportados foram criando para se preservarem da contaminação do estilo de vida dos babilônios tinham mais função de saúde pública do que interdição religiosa. Por muitas décadas a Teologia da Libertação fez uma leitura sobre estes episódios recriminando sempre as lideranças sacerdotais como opressoras, controladoras e pouco interessadas no bem-estar dos pobres e oprimidos. Este tipo de enfoque era fruto de um contexto carregado de dominação militar que se apresentava em forma de ditadura em todos os países do nosso continente cujo discurso de libertação era estreitamente vinculado com a ideologia marxista, adotada em várias militâncias de oposição a estes governos.

Depois da queda do muro de Berlim e da democratização de tantos países da América Latina, as oposições entre direita e esquerda começaram perder força e o viés marxista que criava um hábito hermenêutico nos biblistas dos anos 80 começou a apresentar problemas de contextualização. Ele também apresentava a deficiência de generalizar toda a liderança religiosa como opressora, como a versão do dominador e uma leitura a partir dos marginalizados não poderia ceder espaço para esta possibilidade.

Nosso objetivo aqui não é defender nem endossar as palavras do deportado intolerante, que proferiu as palavras do v. 6, mas atrair nossa atenção para os aspectos que são comumente ignorados numa “leitura libertadora” e tentar entender o grande enigma por trás do rancor evidente nas palavras do salmista, rancor que fundamenta toda a intole-

7. Esta informação também é fruto do diálogo com Ludovico Garmus durante a assessoria da revista. Mas palavras dele: “filhos da Babilônia” é referência direta aos edomitas, pois não se poderia falar tão abertamente e tão mal da Babilônia, justamente naquela terra. “Isso se verifica nos oráculos de Ezequiel, contra os povos vizinhos sim, mas não contra Babilônia. Os edomitas se aproveitaram do episódio para avançar sobre o território que “pertence a Javé” (Ez 35,10). Daí a ira do salmista”.

rância assassina deste salmo, apesar de os motivos serem os mais santos possíveis e as atitudes sugeridas no salmo sejam as mais desumanas já vistas no Primeiro Testamento.

Não é apenas um rancor, é um rancor carregado de asco e de repulsa pela forma como os babilônios impunham deportados, uma vida subjugada a um ambiente tão imundo, tão promíscuo, pecaminoso e idólatra. Eles eram obrigados a jardinar os canchais destes lugares! Era realmente de doer! Era também um rancor contra os filhos de Edom que se aliaram à Babilônia e na hora da desgraça abusaram do momento e invadiram o terreno de Yahweh no território de Judá.

Assim, é perfeitamente compreensível que qualquer erupção na pele fosse automaticamente associada a pecado de idolatria ou participação nas prostituições culturais de Ishtar, Peor ou Astarte. Mas devemos olhar para o deportado representado neste salmo, não apenas como liderança religiosa opressora de Judá, mas como reguladores da saúde pública, verdadeiros agentes de vigilância sanitária. Muito daquilo que conhecemos como identidade judaica atual, principalmente no que diz respeito às leis dietéticas e aos costumes de higiene que não são exclusivos dos judeus religiosos, tem nascedouro neste momento, neste contexto, em Babilônia.

Santamente intolerante

O que o final do salmo nos faz refletir é sobre os perigos da generalização, da secularização e da pregação de uma santidade que nos isola do resto do mundo e nos confere uma sensação errônea de que somos melhores do que o outro, diferente de nós. Às vezes nos sentimos tão santos e irrepreensíveis que nos ofende quando outra pessoa alcança paz espiritual sem seguir “nossa receita” de santidade. Esta santidade impenetrável deveria ser erradicada das nossas vidas.

Como então conciliar a necessidade de santidade pregada pelos documentos sacerdotais sem que isso nos leve à prática da intolerância ou a um sentimento de superioridade? Como compreender as diferentes convocações à santidade feitas na Torá pelo Documento Sacerdotal ou pelo Deuteronômio⁸? Qual deles realmente deve ser levado a sério?

A Escola Sacerdotal e a Escola Deuteronômica mostram conceitos bem diferentes de santidade ligados à eleição ou a prática de uma vida santa e possuem também duas visões de mundo muito diferentes entre si, mas a Torá legitimava a ambas, por isso fica complicado para alguém de fora entender algumas contradições contidas nos textos jurídicos do Primeiro Testamento.

“[...] A força destrutiva da impureza é extremamente enfatizada na escola sacerdotal. Poluição profana o santuário, então viola a santidade. O propósito da extensão das interdições sobre pureza era restringi-las dos lugares sagrados, do

8. Documento Sacerdotal é um trecho mais longo que abrange os capítulos 16 a 26 do livro de Levítico, considerado um código de leis específico para sacerdotes e levitas dentro do livro Levítico.